UMA DATA CEARENSE

Alba Valdez

O Ceará, entre os muitos feitos gloriosos que sua história registra, conta um que por si só constitue padrão immorredoiro — a abolição do elemento servil em seu território.

Foi há vinte e seis annos, a 25 de março de 1884.

Fortaleza, a linda cidade do norte, adornou-se de galas para commemorar de modo excepcional esse acontecimento grandioso que superpunha a antiga província às outras com as quaes formava o vasto império do Brasil. De facto, ella tomava assento ao lado das nações mais civilizadas do mundo por uma admirável e eloquente lição de civismo e humanidade

O povo cearense não podia supportar o innominavel trafico que rebaixava parte de seus semelhantes ao nível de alimarias. Envergonha-o o espectaculo degradante da escravidão, quando a liberdade individual é o mais sagrado dos direitos e não póde ser postergado sem grave quebra dos preceitos que regem as sociedades cultas.

Melindravam-lhe a consciência as scenas crueis que desfaziam os doces laços de uma familia infeliz, a fuga de desditosos que se internavam nas brenhas, preferindo a convivência dos brutos à de homens insensíveis à sua dor.

E o mesmo dinheiro, producto do braço escravo, queimava-lhe as mãos válidas e honradas, afigurando-se-lhe criminosa extorsão.

Pois elle sabia trabalhar, combater pela vida. Sua enfibratura mais de uma ocasião fôra posta à prova: em momento histórico, para defender os brios da Pátria, nos banhados mortiferos do Paraguay; todos os dias, nas florestas virgens da Amazonia, onde os perigos enxameiam no próprio ar.

Nascido sob o céo mais ingrato do Brazil, o cearense nunca foi um predilecto da fortuna. No berço, embalou-o o éco plangente de passadas catastrophes e como as demais creanças nem sempre ouviu os contos de fadas, alegres e encantadores, narrados à luz do luar.

A actividade que o caracteriza tem abalroado contra frequentes caprichos da natureza. D'ahi talvez, a sua indole afoita e generosa.

Familiarizado desde cedo com a adversidade, sciente de quanto um minuto de amargura entoxica uma existencia inteira, desolava-o a excrescencia abjecta do captiveiro.

Tornava-se mister um movimento que acabasse com aquella vergonha social. A empresa não era fácil e para ella se arregimentavam as mais bellas intelligencias e as mais decididas energias.

Travou-se, porfim, a peleja.

Ameaças, perseguições, exilios, nada demoveu a intrepida phalange do nobre **desideratum;** ao contrário, tudo os immergia no sonho cambiante do abolicionismo.

O paiz assistia estupefacto o empolgante drama.

Com rapidez vertiginosa propagou-se o incendio regenerador. As mulheres vendiam as jóias para comprarem cartas de alforria e os homens, numa insania de heroes, pondo em holocausto a vida e a paz, subtrahiam violentamente, quando lhes falleciam outros meios de victoria, numerosas victimas ao azorrague negreiro.

Haviam por isso o nome de **ladrões;** e cousa singular, nessa circunstancia o infamante epitheto teve significação honrosa.

Também não é para esquecer o gesto sublime e commovente dos rudes jangadeiros, confundindo a voz estentorea com a das verdes vagas tumultuosas: — No porto do Ceará não embarcam mais escravos.

E aconteceu que naquelle dia, 25 de março, para sempre memorável, o sol offuscante dos tropicos saudava a primeira terra brasileira onde todos eram livres, a qual um negro de genio por justos motivos cognominou — Terra da Luz.

(Do "Ceará Intellectual" de 1910 do prof. Joaquim da Costa Nogueira.)